

A BRICOLAGEM EM AVALOVARA: (Re)Constituição do Corpo *

Ilza Matias de Sousa

Em entrevista à revista «Escrita», nº 13, de 1976, Osman Lins afirmava:

«Eu aceito a história e me volto para a história, aceito os meus compromissos diante da história e não quero renunciar a eles, principalmente levando em conta o momento histórico em que nós vivemos no Brasil, um momento que se diz sério, mas que é altamente dramático».

A postura ali definida pelo autor, fez-nos deter diante da construção do Avalovara, para nela examinar a inserção da História e do sujeito, tomado enquanto corpo histórico-social.

Propomo-nos a ver em que medida o projeto literário se articula ao projeto político, no ofício de escrever do autor. E, dessa maneira determinar se, no discurso de Osman Lins, há o lugar do político.

Procurar discutir a historicidade e a questão ideológica na obra de Osman Lins, não implica estabelecer, aí, uma atitude

* Esta dissertação foi apresentada como trabalho final do curso «A narrativa de Osman Lins», ministrado pela profª Maria do Carmo Lanna Figueiredo (Mestrado em Literatura Brasileira — UFMG — 2º semestre de 1984)

1. O recalçamento é da ordem da proibição e da linguagem; a repressão da ordem da censura e da violência. Cf. Freud, Sigmund. *El Malestar En La Cultura*. Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973.

de engajamento na relação homem/escritor e obra, seja de ordem existencialista sartreana, seja de ordem marxista ortodoxa. Trataremos, sim, de observar o cruzamento do caminho histórico e do poético que levam à interrogação sobre o real em sua manifestação concreta e imediata de realidade social (no caso, brasileira), e à tentativa de superação dos limites desse real.

Partindo-se do pressuposto de que toda a linguagem é poder político e sexual, exercido na instância de seu recalçamento, através de representações repressivas (2) e, de que todo o discurso apresenta-se numa perspectiva de classe, a situação da arte configura-se, em si mesma, como uma situação dialética. A palavra que se alimenta do recalçamento do real e a palavra que revoluciona e desrecalca o real, palavra livre e criadora, instauram-se numa luta de morte e renascimento.

Sob essa luz, analisaremos em *Avalovara* o dilema recalçamento/repressão que é a própria encenação da história. E aí buscaremos empreender a constatação da ocorrência de um processo de reflexão e auto-reflexão que se encaminhe para uma perspectiva de maturidade, no sentido da superação da impotência, mediante a ação dialética do conhecimento que é o discurso entendido como um movimento no interior da realidade.²

Essa leitura analítica, voltada para o enfoque político-social, nasceu e se desenvolveu com base na própria relação sintático-semântica que aparece no trabalho de bricolagem, executado por Osman Lins, no interior do discurso. Trabalho que parece recusar uma operação de sublimação e repor o indivíduo na materialidade do corpo sexual, como uma prática política, na sua dimensão pulsional.³

2. DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *O que é Realidade*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo. Editora Brasiliense S.A., 1984, cf. «A Edificação da Realidade», p. 28.

3. «As forças pulsionais que tendem a conduzir a vida à morte poderiam muito bem operar entre eles (os seres vivos) desde o começo, mas seria muito difícil fazer a prova direta de sua presença, seus efeitos sendo marcados pelas forças que conservam a vida.» FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1976.

A bricolagem é, aí, procedimento técnico e modo de pensamento desconstrutor da realidade nas malhas de suas próprias contradições e na maneira como estas se refletem na subjetividade:

«O bricoleur, diferentemente do engenheiro, opera com um material que não produziu em vista do uso atual, mas com um repertório limitado e heteróclito que o força a trabalhar, como se diz como os meios de bordo; este repertório é feito de resíduos de construções e de destruições anteriores; representa o estado contingente da instrumentalidade a um momento dado; o bricoleur opera com signos já usados, que desempenham o papel de predeterminação quanto às novas organizações».⁴

Ao recortar e colar o texto jornalístico, o bricoleur — Osman Lins — (re)constituiu um universo político-ideológico, nesse movimento de construção e destruição implícito à bricolagem. Aí, o discurso é tomado como formação desejante e lugar de constituição do sujeito concreto em sua realidade histórico-social.⁵ Do interior da própria realidade (brasileira), o discurso de Osman Lins parece se constituir em si mesmo, um projeto revolucionário.

«Na Ideologia, os homens exprimem com efeito não suas relações com sua condição de existência, mas a maneira pela qual eles vivem sua relação com suas condições de existência: o que supõe ao mesmo tempo relação real e relação «vívida», «imaginária».

ALTHUSSER

Do transbordamento verbal das páginas de *Avalovara* vai aparecendo, em fragmentos dispersos, cravando-se no texto lite-

4. LIMA, Luiz Costa. *O Estruturalismo de Lévi-Strauss*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1970, p. 171.

5. DELEUZE e GUATTARI. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro, Editora Imago Ltda., 1976

rário e abrindo-lhe sulcos, um outro texto conciso, objetivo, e cortante na sua secura. Compondo-se de notícias jornalísticas sobre a realidade político-social brasileira dos anos 60, mais precisamente, do período da chamada «Revolução de 64», tal texto corta e pontua o texto vibrante e apaixonado da ficção, nela se imiscuindo como um objeto insólito, sustendo o excesso verbal e a prolixidade da narração.

São treze notas transcritas de jornais (embora não haja referência a suas fontes), espalhadas no livro.** Duas dessas notas, remetem ao contexto internacional onde política social e política espacial se cruzam e se complementam. Ingresso do homem na era espacial. Ingresso do brasileiro numa nova Ordem. Ambos, submetendo o homem às tramas ideológicas de sua época.

Como observador aparentemente neutro, à espera do desenrolar dos acontecimentos, Osman Lins recolhe e coleciona as notícias, dispondo-as em técnica de bricolagem, de uma maneira a organizar o próprio cenário político-social brasileiro. Ele lança as notícias, sem análise, e, de dentro da neutralidade jornalística, cria um efeito de isenção subjetiva e ideológica que o próprio gesto de apropriação ficcional recusa e coloca em tensão. Assim o autor dá início, em seu discurso, a um trabalho de desconstrução das representações ideológicas repressivas, e procede ao desmanchamento do jogo do poder dominante. Na imbricação dos planos ficcional e jornalístico, estabelece-se um diálogo de negação e afirmação da função ideológica do texto literário em sua relação com o real.⁶

Osman Lins se posiciona como o articulista desse trabalho intertextual em que se encontram e se separam a visão mítica e cósmica do romancista e a visão histórica do escritor (e homem) cujo fazer artístico se apresenta cronológica e espacialmente

6. Entenda-se «real» como construção simbólica humana; conceito relativizado na dinâmica da prática social: o que é real para um povo ou para um grupo, não o é necessariamente para outros. Cf. Duarte Júnior. *Jão-Francisco. O que é realidade*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 1984.

situado. Então, através de uma operação de relacionamento discursivo, a História se introduz na cosmogonia em que **Avalovara** parece consistir. Organizadas em seu conjunto, as notícias recordadas situam o discurso literário numa perspectiva histórica, em que se apresentam as feições da realidade objetiva que é o **UNIVERSO** em que o homem, enquanto indivíduo pensante e desejante, vive e desenvolve sua práxis.⁷

O espaço intertextual de **Avalovara** promove, desse modo, o debate de várias ideologias, de várias classes sociais. Aí o(s) discurso(s) aparece(m) como um processo de transformação, na relação com uma práxis dinâmica. E, na dialética dessas transformações, não há lugar para o discurso da verdade.

O real e a ficção se contaminam e, essa contaminação, coloca em movimento tensional e intencional o histórico do texto jornalístico e a historicidade mítica do texto literário. No cruzamento dessas «realidades», a prática social, os desejos e os pensamentos a partir dos quais o homem elabora o seu conhecimento, aparecem fundados em representações repressivas.

O discurso de Osman Lins formula-se, portanto, como o lugar de resistência consciente às representações dominantes. Seu método de ação (literária) é a copulação. A linguagem torna-se corpo e instrumento. Na articulação das regiões da sexualidade e da política. Osman Lins promove o retorno do recalcado.⁸ A cópula, aí, é trabalho de desfeitura das formas de sujeição à ideologia dominante e à hegemonia de classes e culturas.

A força e à opressão, Osman Lins contrapõe a força do vivido pelo homem, e inscrito em sua própria carne. Contra o ditado pelas ditaduras, propõe o exercício de plena subjetividade do jogo sexual onde se inscrevem mais profundamente as próprias contradições da realidade social. Prática sexual que é, em última instância, prática política.

7. Para o conceito de Práxis, cf. Kosik, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 197

8. **FREUD, Sigmund. El Malestar En La Cultura**. Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973, p. 153

Ao recortar e enxertar o texto jornalístico no texto literário, Osman Lins procede ao infiltramento do elemento de contágio: História oficial e (h)istória se contaminam, resultando daí o engendramento da mitologia interior de Abel e dos personagens que circulam em *Avalovara*. O texto apropriado contamina o texto de apropriação, provocando, no seu contato uma resposta anti-narrativa e anti-romântica aos pathos que mobiliza a (h)istória narrada. A inserção dos recortes jornalísticos corresponde a entrada da História no discurso ficcional.

A bricolagem feita por Osman Lins, em *Avalovara*, ocupa o lugar esvaziado pela censura e pela repressão, a que o escritor contrapõe a liberdade do gesto artístico de recortar, colar e copular textos.

Imaginação criadora e prática social aí confluem. As relações de produção textual remetem às relações de produção social, e, os dados produzidos literariamente se relacionam aos dados de ordem sócio-política e histórica, colhidos pelo escritor no curso de suas experiências em contato e comunicação com a realidade. E essa realidade é reordenada segundo uma disposição própria à tessitura ficcional.

A re-ordenação do real, a partir da disposição das notícias recortadas e coladas, se dá num movimento cíclico. Desse movimento emerge a questão silenciada da tomada do poder e da palavra nos sistemas repressivos, como o então vigente no Brasil. Desmascaram-se o arbítrio, os conflitos e as dissensões que de-formam a constituição do poder e preparam seu próprio fracasso, numa sociedade feita de ambivalência na sua prática institucional. As notícias se organizam em torno do registro de atos de repressão legitimados e restabelecidos pelo governo da «Revolução», inaugurado em 64 com Castelo Branco.

Vejamos a primeira e a última notícia na ordem de colagem:

«Castelo Branco adia «sine die»
a execução de novas cassações de mandatos». (p. 26)
«Parlamentares acatam os atos punitivos de Castelo Branco,
Renuncia o Presidente da Câmara». (p. 367)

Vemo-nos, portanto, diante de uma disposição textual que remete à inserção participativa do sujeito, no processo de conhecimento do real. É assim que bricolagem em *Avalovara* propõe-se como um trabalho de apropriação da «máquina da História», para, a partir dela mesma, expor o seu mecanismo de sentido que se instala com o silêncio, e no silêncio, como perversão da fala, gerada pelos sistemas opressores. Numa reação contra-ideológica, a escrita de Osman Lins reivindica para o sujeito o direito à voz e à ação perdidos nas representações reificadoras da ideologia das classes dominantes. Para isso, na perspectiva de um processo de conhecimento integrado à existência concreta do indivíduo, Osman Lins desloca-se, dialeticamente, de sua posição de observador puro, diante da realidade objetiva, para penetrar no seu interior e então, nela intervir, com sua prática e experiência adquiridas na vida comunitária.

No espaço intertextual de *Avalovara*, projeto literário e projeto político se articulam, a partir da elaboração consciente do jogo de contradições ideológicas. Escritor, obra e opressão é o tema que vara o romance e avaliza uma escrita que é produzida no esforço do ato de escrever as próprias contradições. Sofrimento de um sujeito que recusa a História, enquanto confinamento e sujeição, e a reconhece como possibilidade de efetivação da liberdade. No texto apropriado, a História rompe transcrita. No texto de apropriação o mito é inscrito e re-escrito. Nessa relação diferencial, mito e História defrontam-se e buscam comunicar-se.

O texto da História, recortado e colado no texto da ficção, supõe o ato «insuspeito» e «oficial» de escrever. No atrito dos dois corpos — o de ficção e o jornalístico — desnuda-se a maquinação ideológica de um período regido pela força e pela arbitrariedade. O escritor, numa postura subversiva, pratica o ato «suspeito» de escrever que vive do empréstimo da língua e da gramática do opressor. Transforma essa língua e essa gramática em instrumentos de contra-dição a esses que, pelo poder e pela opressão, se colocam como seus donos. Por isso, língua e palavra, texto e discurso se tornam, nas mãos de Osman Lins, instrumentos tão letais quanto vitais.

O texto jornalístico levanta suspeita quanto à isenção histórica da ficção e o discurso ficcional revela-se condicionalizante, apontando para a época e para as circunstâncias em que foi elaborado. A inserção do texto jornalístico no texto literário trava, assim, uma relação política, a partir da qual o escritor procura pensar as contradições entre o discurso literário e a realidade social; entre a palavra reificadora da instituição e a palavra livre e criadora; ou, ainda, entre História e(h)istória.

O discurso de Osman Lins torna-se o lugar de contra-trabalho à maquinação das ideologias de dominação, no curso da História humana, e à sujeição à violência institucionalizada. Coloca a questão de se saber em nome de que real ou violência fala a linguagem das classes dominantes. Na concreticidade do ato de escrever, escritor e sociedade definem-se como um corpo histórico-social, e, nessa medida, a política tem lugar na obra de Osman Lins. E é a partir desse lugar — o lugar do político — que a ideologia revela seu jogo de contradições e pode, então, ser reconhecida como um nível específico da realidade.

Ao entrelaçar historicidade e discursividade, Osman Lins leva-nos a considerar nele uma atitude de cisão com a ideologia idealista e romântica, implícita na formação do intelectual brasileiro ao definir o homem e sua produção artística. A indagação do real, contudo, não nos conduz a afirmar encontrar-se nele vinculação e proposições neo-realistas.

Vemos no trabalho de bricolagem de Osman Lins uma busca de reconhecimento de uma significação histórica e social no discurso literário, sem que este se reduza àquela. A bricolagem de Osman Lins compõe um corpo dúplice em que se procura reconstituir o «lado esvaziado do rosto» (Avalovara p. 310). Diríamos que Avalovara é a própria busca do sujeito através da História e na História.

Considerando e observando o processo de relacionamento do objeto real e do objeto poético, dados enquanto relações de produção textual em Avalovara, reportamo-nos à Revista Escrita, onde o autor formula explicitamente a recuperação do trabalho do artista como trabalho concreto, em que a relação entre o

produto e o produtor é também concreta. E, aí, a obra de arte não mais alienada nem desmemoriada da atividade do sujeito criador... Diz Osman Lins:

«... parece que o trabalho do escritor, metaforicamente, seria construir imaginariamente, um rosto que não existe.»⁹

Temos, aí, elementos para repensar o lugar do sujeito no processo criador: E é interessante, neste momento, referir-nos a M. Foucault:

«mais de um, como eu sem dúvida, escreve para não ter mais rosto».¹⁰

Ambas as citações remetem efetivamente, para uma questão: a de se estar ou não situado na sua própria palavra.

O trabalho de (re)constituição da História em *Avalovara* recoloca o sujeito no processo de produção literária e afirma a impossibilidade (não sem tortura) na neutralidade da linguagem. O sujeito está situado em sua palavra, não ocupando, entretanto, um lugar privilegiado, conforme a tradição da teoria do conhecimento e do pensamento cartesiano. Em *Avalovara*, o processo de bricolagem traduz o preenchimento imaginário, dado nas complexas relações das dimensões do real e do simbólico. Aí, o sujeito não é postulado como ser de integridade, de unicidade ou compacidade. O sujeito de *Avalovara* é um sujeito composto de resíduos do real, do simbólico e do imaginário.

A (re)constituição do corpo é feito de outros corpos que se conjugam coletivamente. O discurso transforma-se, dessa maneira, no lugar de um sujeito ativo e criador e contradiz à sujeição no interior da própria realidade histórica e social. Recuperação da História no discurso e do sujeito na História.

9. Revista Escrita nº 13, 1976. Entrevista de Osman Lins a Astolfo Araújo, Hamilton Trivisan, Gilberto Mansur e Wladyr Nader.

10. Foucault/Rouanet/Escobar/Lecourt. *O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)*, Rio de Janeiro, Comunicação 3, Tempo Brasileiro, 1971, p. 46

**** TEXTO DE BRICOLAGEM — AVALOVARA**

1. **Castelo Branco adia «sine die» a execução de novas cassações de mandatos — Página 26**
2. **MONDE CONSIDERA EQUIVOCA VITÓRIA DO GOVERNO NO BRASIL
Página 27**
3. **Marechal Costa e Silva apóia o voto indireto — Página 36**
4. **Caberá ao Congresso decidir se as eleições de 1970 serão diretas para governadores e Presidente da República — Página 84**
5. **Decreto do Marechal Castelo Branco unifica sob a denominação de INPS os institutos de aposentadoria e pensões — Página 110**
6. **Gemini 12 bate recorde no espaço e encerra com êxito sua missão
Página 184**
7. **«Traí e ofendi». — Página 222**
8. **Cassações e suspensões de direitos políticos: aguarda-se nova lista ainda hoje — Página 301**
9. **Concluída com êxito missão da Gemini 12 — Página 318**
10. **Sodré: surge uma nova democracia — Página 318**
11. **O presidente Castelo Branco, rodeado de crianças, concede autógrafos no V Salão do Automóvel — Página 329**
12. **Armas farão advertência — Página 339**
13. **Parlamentares acatam os atos punitivos de Castelo Branco. Renuncia o Presidente da Câmara**

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 3ª edição, S/d.**
- CHAUI, Marilena. O que é Ideologia. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984**
- DUARTE JÚNIOR, João — Francisco. O que é Realidade. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984**
- ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972**
- EMIR, Rodriguez Monegal, Maria Lúcia P. de Aragão, David Hayman et alii. Sobre a Paródia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1980**
- FOUCAULT/Rouanet/Escobar/Lecourt. O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault), Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971**
- FREUD, Sigmund. El Malestar En La Cultura. Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973.**
- KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.**
- LINS, Osman, Avalovara. São Paulo, Melhoramentos, 1973.**
- LYRA, Pedro. Literatura e Ideologia. Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda., 1970**
- MACHEREY Pierre. Para uma Teoria da Produção Literária. Lisboa, Editorial Estampa, 1971**
- PINHEIRO, Amálio. A textura Obra/Realidade. São Paulo, Cortez Editora, 1983**
- SANTOS, Laymert G. Dos. Alienação e Capitalismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982**
- WILHELM Reich, Eugène Enriquez et alii, A História e os Discursos Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974**
- VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. As Idéias Estéticas de Marx. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.**